

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC DARLAN TOBIAS MARQUES

A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA SEGUNDO SUN TZU:

sua validade nos dias atuais

Rio de Janeiro

2009

CC DARLAN TOBIAS MARQUES

A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA SEGUNDO SUN TZU:  
sua validade nos dias atuais

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval,  
como requisito parcial para a conclusão do Curso  
de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Luiz C.de Carvalho Roth

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2009

## RESUMO

A “Revolução de Assuntos Militares” dos dias atuais, a tecnologia de informação, tem proposto modificações na estrutura fundamental das Forças Armadas, da forma tradicional concebida por Clausewitz, Jomini, Mahan e Douhet, pela forma proposta por Sun Tzu e Lidell-Hart, a estratégia indireta. Esta modificação implica em novas formas de condução das operações e do combate numa guerra, bem como na forma de exercer a atividade de inteligência no âmbito militar. Sun Tzu, estrategista chinês, em sua obra “A arte da Guerra”, de 2500 anos atrás, desenvolveu princípios de guerra que possuíam em sua essência a atividade de inteligência. Essa atividade, para ele, era de grande valia para o planejamento e a condução das operações de guerra. Pretende-se apresentar os ensinamentos atinentes à atividade de inteligência segundo Sun Tzu, com o intuito de verificar se a sua aplicação na atualidade é válida. Para isso, serão abordadas inicialmente, no capítulo dois, as atividades de inteligência segundo Sun Tzu, de 25 séculos atrás, e em seguida, no capítulo três, exemplos dessa atividade de inteligência ocorridos nos últimos 70 anos. No capítulo dois, destaca-se o significado dos princípios que traduzem a atividade de inteligência conforme o mestre chinês, a saber: “Estimativa”; “Pontos Fracos”; “Comando e Controle”; “Ardil”; “Conhecimento do clima e terreno”; “Vencer sem lutar” e “Espionagem”. No capítulo três, enumeram-se alguns exemplos desses princípios ocorridos na Segunda Guerra Mundial, Guerra da Coreia e do Vietnã, Guerra das Malvinas, Guerra do Golfo (1991) e na atual Guerra da Informação. Finalmente, ao fazer o confronto dos exemplos históricos do capítulo três, com as análises feitas sobre as atividades de inteligência do capítulo dois, e verificar que nas guerras de 1939 até os dias atuais, houve exemplos de atividade de inteligência segundo Sun Tzu, apresenta-se a conclusão de que a sua aplicação nos dias atuais é válida.

**Palavras-chave:** inteligência, planejamento, informações, combate.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA SEGUNDO SUN TZU.....</b>	<b>7</b>
2.1	REFERENCIAL HISTÓRICO.....	7
2.2	ESTIMATIVA.....	8
2.3	PONTOS FRACOS.....	9
2.4	COMANDO E CONTROLE: A INTELIGÊNCIA E A DECISÃO.....	10
2.5	O ARDIL.....	11
2.6	CONHECER O MEIO AMBIENTE: CLIMA E TERRENO.....	12
2.7	VENCER SEM LUTAR.....	13
2.8	ESPIONAGEM.....	14
<b>3</b>	<b>A APLICAÇÃO DOS PRECEITOS DE SUN TZU DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ATÉ OS DIAS ATUAIS.....</b>	<b>15</b>
3.1	SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939).....	15
3.2	GUERRAS DA CORÉIA (1950) E DO VIETNÃ (1970).....	16
3.3	GUERRA DAS MALVINAS (1982).....	17
3.4	GUERRA DO GOLFO (1991).....	17
3.5	GUERRA DA INFORMAÇÃO.....	19
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Aproximadamente em 500 a.C, existiu um General chamado Sun Tzu, grande estrategista chinês, que antes de lançar seus exércitos à guerra, fazia um planejamento com base na atividade de inteligência. Os dados acerca do inimigo, coletados antes ou durante a batalha, foram utilizados para o planejamento das operações e para o processo decisório do General. A este tipo de atividade de inteligência, específico do âmbito militar, com intuito de subsidiar o planejamento e a condução de operações numa guerra foi denominado como "Inteligência militar".

Conhecer alguém, que nos dias atuais, defenda o emprego do engano para vencer uma batalha, que acredite na vitória sem a necessidade de lutar e que o mais fraco pode prevalecer sobre o mais forte, seria estranho demais para quem não conhece o que é uma atividade de inteligência segundo os ensinamentos de Sun Tzu. Em sua obra "A arte da Guerra", vê-se que a Inteligência é a essência de sua estratégia, e que em todos os seus princípios de guerra ela está presente implicitamente.

Nos dias atuais, tem sido constatado, por meio do estudo do fenômeno "Revolução de Assuntos Militares" (RAM) <sup>1</sup>, que a tecnologia de informação tem propiciado o desuso progressivo do sistema tradicional de combate (guerra convencional), bem como a substituição, da estrutura tradicional das Forças Armadas concebida por Clausewitz, Jomini, Mahan e Douhet, pelas pequenas forças polivalentes dedicadas às estratégias indiretas propostas por Sun Tzu e Lidell-Hart (BRASIL, 2007, p.7-17).

Diante desta revolução, verifica-se que aqueles que se encontram limitados em relação à RAM, tem trazido ao contexto atual a Guerra Assimétrica e a Guerra Irregular. Urge, desta forma, a necessidade de verificar se o emprego da atividade de inteligência, segundo Sun Tzu, na atualidade, é válido ou não, para a preparação e o planejamento das operações militares da atualidade.

Este trabalho tem o propósito de analisar a atividade de inteligência segundo Sun Tzu, empregada a 2500 anos atrás, contida em alguns trechos da sua obra "A Arte da guerra", bem como alguns exemplos de guerras ocorridas a partir da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais, e em seguida confrontá-los com o intuito de verificar se a aplicação dessa atividade, no âmbito militar, segundo os seus ensinamentos, é válida ou não nos dias atuais.

---

<sup>1</sup> RAM é uma alteração na natureza e na forma de conduzir as operações militares promovida pela utilização de novas tecnologias, combinadas com importantes alterações na doutrina militar, na organização e nos conceitos operacionais (BRASIL, 2007, p.7-15).

Com relação a “Inteligência Militar”, seu entendimento neste trabalho será o declarado pelo general Cerqueira Filho, durante o Seminário “Atividade de Inteligência no Brasil”, realizado em novembro de 2002:

A inteligência militar, exercida no planejamento de operações, tem por objetivo a produção de conhecimento sobre o inimigo, por meio de um estudo detalhado de sua ordem de batalha, estrutura de comando, doutrina de emprego, métodos de combate, armamentos, equipamentos e outros fatores necessários à determinação das peculiaridades, deficiências, possibilidades e limitações. Ademais também produz conhecimentos sobre o ambiente operacional e suas implicações por nossas Forças e para o inimigo, o estudo do terreno e das condições climáticas e meteorológicas para determinar efeitos nas operações, a fim de diminuir as incertezas do campo de batalha. Convém assinalar que a inteligência militar pode ter caráter Tático ou Estratégico (FILHO, 2002, p.172).

Aqui também será dada mais ênfase à Inteligência Operacional, que se refere à obtenção, análise, produção e defesa de conhecimentos de interesse potencial para o planejamento e a condução das ações de alcance operacional em um determinado teatro de operações. Esta é desdobrada em duas vertentes, quais sejam: “Inteligência”, direcionada para a produção de conhecimento, ou seja, levantamento, coleta e análise de informações, e “Contra-Inteligência”, direcionada para a salvaguarda do conhecimento, ou mais especificamente, neutralização da inteligência adversa (OLIVEIRA, 1999, p.85).

## 2 A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA SEGUNDO SUN TZU

A fim de se entender com maior clareza o que significava a atividade de inteligência para Sun Tzu, em sua obra “A arte da guerra”, reconhecida como o tratado militar chinês mais antigo e profundo (SAWYER, 2002, p.XII), compreende-se a necessidade de se fazer uma análise do contexto histórico da era em que Sun Tzu viveu, bem como das formas pela qual a atividade de inteligência se encontrava implicitamente nos seus princípios estratégicos. Esta análise permitirá verificar se a sua atividade de inteligência possui alguma correlação com as atividades de inteligência executadas nas guerras a partir de 1939 até os dias atuais, assunto que será abordado no capítulo três.

### 2.1 Referencial histórico

Sun Tzu nasceu no estado de Ch’i e tornou-se um general do Rei de Wu. Esses fatos ocorreram em algum momento do período final de “Primavera e Outono” na China, entre os anos de 722 a 481 a.C., e no qual, provavelmente, foram desenvolvidos os treze capítulos de sua obra.

Esse período foi caracterizado por “grandes personalidades, intrigas inescapáveis, assassinatos, e desdobramentos de dramas estarrecedores em meio aos quais estados inteiros ascenderam e pereceram” (SAWYER, 2002, p.1).

Sun Pin, descendente direto de Sun Tzu e autor da obra “Métodos Militares”<sup>2</sup>, foi participante da geração que viveu no período dos Reinos Combatentes, posterior ao de Sun Tzu. Este deixou relatos que naquela época, a decisão do governante, no que tange a ir à guerra, era fundamental na possibilidade de sobrevivência num ambiente predominantemente predatório (SAWYER, 2002, p.19).

Dentre os estados que ascenderam de forma selvagem e desleal pela supremacia, estavam os de Ch’u e Wu. Ch’u foi inimigo de Wu, e Wu foi o lar de Sun Tzu (SAWYER, 2002, p.2). O estado de Wu, ao formar alianças e obter apoio, utilizou-se de “material, guias locais e inteligência de campo” (SAWYER, 2002, p.3).

Em face desses fatos, compreende-se que para ir à guerra seria necessária uma preparação com base no conhecimento do inimigo, de forma a obter a melhor assessoria na

---

<sup>2</sup> Obra recuperada de uma tumba da dinastia Han atribuída à Sun Pin, descendente direto de Sun Tzu. Sua origem remonta aos meados do período dos Reinos Combatentes, e possui o emprego extensivo dos ensinamentos contidos na obra de Sun Tzu, a “Arte da Guerra” (SAWYER, 2002, XI-XIII).

tomada de decisão, e que as condições impostas pelas circunstâncias de guerra, típicas daquela época, possibilitaram a existência de uma forma de atividade de inteligência, típico da época, a “inteligência de campo”.

O conhecimento do inimigo, não era suficiente, segundo Sun Tzu, para obter a vitória sobre o inimigo, mas também o conhecimento de si mesmo. A atividade de inteligência abrange não somente os dados acerca do inimigo como também o das suas próprias forças, pois declarou em sua obra que:

[...] aquele que conhece o inimigo e a si mesmo não correrá perigo algum em cem confrontos. Aquele que não conhece o inimigo, mas conhece a si mesmo será por vezes vitorioso e por vezes encontrará a derrota. Aquele que não conhece o inimigo e tampouco a si mesmo será invariavelmente derrotado em todos os confrontos (SAWYER, 2002, p.64)

Conclui-se, ainda, que o ambiente político-social, militar, geográfico, meteorológico e estratégico dos dias de Sun Tzu foram inspiradores para o desenvolvimento do seu conceito sobre a atividade de inteligência existente em todos os treze capítulos de sua obra. E que o ambiente predatório, típico daquela época, propiciou a necessidade de se ter o máximo de informações possível acerca do inimigo para compor um planejamento e subsidiar o processo decisório do comandante na condução das campanhas militares. Ou seja, conhecer o inimigo é uma condição imprescindível quando se deseja ir à guerra.

## 2.2 Estimativa

Sun Tzu previu que um estado, grande ou pequeno, teria dificuldades para decidir ir à guerra, face o nível das hostilidades envolvidas. Já pensando na possibilidade de conseguir ou não sobreviver, somente restaria a opção de conhecer o máximo possível do inimigo e de suas próprias forças, confiando que esse conhecimento pudesse revelar uma possível solução para o seu exército obter a vitória na guerra. Consta em seus escritos que: A guerra é a empresa essencial do estado, a base da vida e da morte, o Tao<sup>3</sup> para a sobrevivência ou a extinção. Deve ser profundamente ponderada e analisada (SAWYER, 2002, p.50).

---

<sup>3</sup> É traduzido como “Caminho certo” (McNEILLY, 2004, p.290).

A base para essa decisão era obtida por meio de “estimativas”. Para obtê-las, a atividade de busca deveria ser de natureza contínua, utilizando-se de todos os canais possíveis (SAWYER, 2002, p.21).

Estas estimativas, do seu exército e do inimigo, deveriam ser estruturadas de acordo com os “Cinco Fatores”<sup>4</sup> (SAWYER, 2002, p.50), e em seguida, comparados de forma a obter a natureza da guerra.

A natureza da guerra era identificada, segundo Sun Tzu, ao se obter a resposta para as seguintes perguntas: Que comandante tem o Tao? Que General tem maior habilidade? Quem obteve as vantagens do Céu e da Terra? Quem tem suas leis mais rigorosamente implementadas? Quem tem os exércitos mais fortes? Quem tem os oficiais e as tropas mais bem treinados? Quem tem as recompensas e as punições mais claras? Para ele, quem obtivesse essas informações poderia conhecer, antecipadamente, o resultado do confronto: “Através disso conhecerei a vitória e a derrota” (SAWYER, 2002, p.51).

Dessa forma, verifica-se que Sun Tzu vislumbrou que antes de iniciar uma campanha, seria fundamental a realização de um planejamento e uma profunda análise dos dados de sua própria força e do inimigo, por meio de uma atividade de inteligência de natureza contínua e feita por todos os canais disponíveis a que denominou de “estimativa”.

### 2.3 Pontos fracos

No quarto capítulo de sua obra, cujo tema é a “Tática”, observa-se uma referência em relação à disposição estratégica das forças. Esta disposição era de caráter vital para que se fosse cumprido o que ele chamava de “condições para a vitória”. “O exército vitorioso primeiro realiza as condições para a vitória e só depois busca travar a batalha. O exército derrotado luta primeiro e só depois busca a vitória” (SAWYER, 2002, p.71).

Em relação ao termo “condições para a vitória”, estava se referindo às informações específicas acerca das fraquezas do inimigo. Saber onde as fraquezas se localizavam era essencial para que se pudesse decidir pela que traria mais benefícios.

---

<sup>4</sup> O primeiro desses fatores é o “Tao” que significa a influência moral, no sentido de que o povo morrerá e viverá com o seu governante e não temerá o perigo; o segundo é o “Céu” que representa as condições climáticas, ou seja, o frio e o calor e as restrições das estações; o terceiro é a “Terra” que se refere à terrenos distantes ou próximos, difíceis ou fáceis, extensos ou restritos, fatais ou acessíveis; o quarto é o “comando” que representa a sabedoria, credibilidade, benevolência, coragem e retidão, e o quinto é a “doutrina” que se refere às “Leis da organização e da Disciplina militar”(McNEILLY, 2004, p.290).

Para encontrar as fraquezas do inimigo e ser um líder bem sucedido, ele deixou uma instrução para o comandante que quisesse atacar exércitos, cidades e pessoas: “investiguem esses assuntos nos mínimos detalhes” (McNEILLY, 2004, p.100).

Essas informações deveriam ser extraídas de homens que conhecessem a situação do inimigo, nos mínimos detalhes: sua capacidade, tamanho da forças, o seu nível de modernização, seu treinamento e movimento das tropas. “Na guerra, porém, o caminho é evitar o que é forte e golpeá-lo quando estiver fraco” (CLAVELL, 1999, p.42).

É de fundamental importância a avaliação das possibilidades do inimigo, com o intuito de se procurar perceber a sua estratégia, ou seja, o que ele pode e vai cometer e quais os seus objetivos e planos.

Sun Tzu, em sua estratégia, visualizou que existe uma fraqueza no inimigo de caráter especial. Este fato ficou subentendido no seguinte trecho de sua obra: “Por meio de informações secretas, tem-se que determinar esse ponto de fraqueza no inimigo e reunir um poder correspondente”(McNEILLY, 2004, p.81).

Diante destes fatos, verifica-se que a atividade de inteligência, segundo Sun Tzu, era articulada e motivada para se descobrir o ponto de maior fraqueza do inimigo, bem como suas vulnerabilidades. A investigação desses aspectos deveria ser feita nos mínimos detalhes para que se pudesse visualizar a melhor estratégia a se adotar na guerra. Os pontos fracos do inimigo devem ser, após análise da inteligência, o alvo em potencial para a vitória.

#### 2.4 Comando e Controle: a inteligência e a decisão

A importância da rapidez do processo decisório dependia da rapidez da atividade de inteligência, no sentido de subsidiar o processo decisório do chefe militar com todas as informações necessárias em tempo real, e desta forma, contribuir para o deslocamento pela fronteira inimiga e estar no menor tempo possível no local de combate.

O valor do tempo é imprescindível no planejamento de uma batalha, e totalmente dependente da qualidade e capacidade de inteligência, pois esta estava atrelada a rapidez nas decisões do General. “A inteligência nunca foi associada a decisões demoradas” (CLAVELL, 2005, p.22).

Na época de Sun Tzu, a forma pela qual era feita a previsão das possibilidades do inimigo, era por meio dos olhos e ouvidos, ou seja, em tempo real. Os códigos eram simples e protegidos com promessas de punições severas para quem os revelasse. A sinalização de ordens para as suas tropas eram feitas com tambores e bandeiras (McNEILLY, 2004, p.130).

O deslocamento rápido na área de operações dependia de uma boa preparação das tropas às condições do clima e terreno, como também de outros fatores apontados pela inteligência, desde que dentro de um espaço tempo específico. Caso a coleta e a transmissão desses dados de inteligência e a referida preparação não ocorresse dentro do tempo especificado, o ciclo informação-decisão-ação seria prejudicado e o ataque deveria ser cancelado.

Em face desses fatos, pode-se concluir que a atividade de inteligência realizada em tempo real propicia uma grande interação entre o Comando e as tropas envolvidas nas operações de combate, promovendo maior rapidez na obtenção dos objetivos, bem como uma excelente assessoria ao processo decisório dos comandantes de divisão que se encontram no front.

## 2.5 O Ardil

Sun Tzu defendia o “Ardil”<sup>5</sup>, pois o exército que o empregasse obteria inúmeras vantagens em relação ao seu adversário. O inimigo vitimado por esse método deixaria de saber onde poderia atacar e qual formação usar, e, por conseguinte, a derrota. Para ele, enganar o inimigo era considerado de extrema importância para se alcançar a vitória, pois o emprego desse princípio significava preservar vidas e recursos, além da possibilidade de manipulação e dissimulação do inimigo. Este ao se aproveitar das fraquezas revelava a oportunidade de atacá-lo sob o princípio da surpresa.

Com base nesse conceito, pode-se então associar a esse princípio o emprego do segmento da inteligência, denominado Contra-Inteligência, no sentido de proteger os seus planos vitais utilizando-se do método da desinformação. Na sua obra consta que: “A guerra é o Tao do ardil. Assim, ainda que sejas capaz, exhibe incapacidade. Quando decidido a empregar tuas forças, finge inatividade. Quando teu objetivo estiver próximo, faze com que pareça distante; quando distante, cria a ilusão de que está próximo” (SAWYER, 2002, p.30).

Na sua obra, no capítulo intitulado “Vacuidade e Substância”, revela-se que existem outros dois princípios com o mesmo fundamento do “Ardil”, atacar os vazios e concentrar forças em pontos escolhidos. Ambos possuem o objetivo de dispersar e dividir o inimigo. Este ao assimilar a informação ardilosa, de que as tropas do seu adversário estavam

---

<sup>5</sup> Prática de medidas falsas, dissimulações, prevaricações, disposições de tropas, rastreamentos, fingimento de uma situação caótica e outras ações semelhantes designadas para promover o engano ao inimigo, com o objetivo de forçá-lo a responder de forma predeterminada (SAWYER, 2002, p.30-31)

divididas, era levado à fragmentar também as suas. Enquanto isto era realizado, uma parte substancial das tropas adversárias era concentrada em pontos específicos, obtendo assim, a vantagem estratégica do combate.

Estudando a sua estratégia, observa-se que para vencer o inimigo, por meio do método da dissimulação, era necessário enganá-lo quanto ao conteúdo e natureza de seus próprios planos, ou seja, o não conhecimento onde será o ataque deixará o inimigo confuso e despreparado para reagir. Pois em sua obra está escrito que: “O inimigo não deverá saber onde pretendo dar combate. Porque se ele não souber onde pretendo dar combate, terá de se preparar em muitos lugares” (McNEILLY, 2004, p.125).

No que tange ao efeito de proteger os planos contra o acesso do inimigo, a dissimulação atua com o emprego de medidas de desinformação, baseadas em manobras aparentes pré-estabelecidas, com a intenção de confundi-lo em relação aos seus futuros movimentos. Na sua obra consta que: A confusão aparente é um produto de uma boa ordem: a covardia aparente, de coragem; a fraqueza aparente, de força (McNEILLY, 2004, p.129).

Conclui-se, dessa forma, que a atividade de inteligência, por meio da obtenção de dados pertinentes ao ambiente e às forças inimigas, possibilita o emprego dos métodos de dissimulação e manipulação, com intuito de promover a proteção dos seus planos de combate.

## 2.6 Conhecimento do meio ambiente: clima e terreno

Conhecer o meio ambiente é de suma importância, segundo Sun Tzu, para se preparar as forças para o efeito de atrição que pode se esperar na área de operações. Para ele o meio ambiente abrange o terreno e os efeitos das condições climáticas. Os dois juntos combinados com o conhecimento do inimigo, proporcionará a melhor estratégia a se fazer. As informações referentes ao terreno podem revelar se uma área é defensável ou não, e se é possível ou não deslocar-se com rapidez, as exigências logísticas e as possibilidades do inimigo. “A conformação do terreno é da máxima assistência em combate. Portanto, avaliar a situação do inimigo e calcular distâncias e o grau de dificuldade do terreno, de modo a controlar a vitória, é virtude do general superior” (McNEILLY, 2004, p.116).

O ensaio da operação, pré-liminar ao confronto apropriadamente dito, estabelece o valor dado por Sun Tzu ao conhecimento do terreno pelas tropas, quando estas em íntimo contato com as peculiaridades do terreno e a vantagem estratégica advinda deste, desenvolvem a confiança e a moral para o combate. Consta em sua obra que: “Em geral, o comandante tem de familiarizar-se previamente e por completo com os mapas, para que fique

conhecendo lugares perigosos para carros de guerras e carroças, onde a água é profunda demais para carroções” (McNEILLY, 2004, p.117).

Era enfático, nos seus ensinamentos, quanto a utilização da atividade de inteligência, por todos os meios disponíveis, inclusive espiões, antes do confronto, para que se pudesse desenvolver a familiarização das tropas com o terreno. O intuito era permitir o melhor posicionamento das tropas, bem como conhecer as posições sensíveis e insustentáveis, antes do lançamento do ataque.

Verifica-se, portanto, a partir destes fatos, que o conhecimento das condições climáticas e do terreno, por meio da atividade de inteligência, produz para o processo decisório do chefe militar, o conhecimento necessário para ao adestramento e à motivação das tropas, bem como a escolha da estratégia favorável ao deslocamento das forças.

## 2.7 Vencer sem lutar: dissuasão

Segundo Sun Tzu, a habilidade de vencer sem lutar tinha o significado de “dissuasão”, e esta poderia ser realizada de duas maneiras: pelo uso de meios políticos, econômicos, psicológicos e morais antes de apelar para o esforço militar, e depois pelo uso de uma inteligente estratégia de guerra quando os meios militares se fizerem necessários. Analisando a segunda maneira, verifica-se que a dissuasão deveria ser realizada por meio de informações acuradas, dissimulação, surpresa, velocidade e outros métodos, com o intuito de conduzir com vantagem as operações de guerra contra o inimigo e garantir que as batalhas terminem em vitória. Consta nos seus escritos que: “Subjugar o inimigo sem lutar é o máximo de habilidade” (SAWYER, 2002, p.62).

Para Sun Tzu, o principal diferencial entre um exército e o seu inimigo, não seria a capacidade tecnológica e o poder dos meios e armamentos, nem da quantidade de guerreiros ou qualquer outra forma de supremacia sobre outro, mas sim o seu grau de conhecimento acerca do seu inimigo: “Assim, quem conhece o campo de batalha e sabe o dia da batalha pode atravessar mil quilômetros e se reunir para travar combate. [...] Ainda que o inimigo seja mais numeroso, pode ser compelido a não lutar” (SAWYER, 2002, p.84).

O princípio adotado para o planejamento das ofensivas era o de conquistar os seus inimigos com o mínimo de destruição para ambos os lados, sempre evitando combates prolongados. Para vencer sem lutar era necessário atacar os planos do inimigo: “Assim, a mais alta realização da guerra é atacar os planos do inimigo” (SAWYER, 2002, p.62).

Verifica-se, portanto, que a inteligência possui papel principal de dissuadir o inimigo no cumprimento do objetivo implícito no termo “vencer sem lutar”. Esta dissuasão deveria ser concebida por meio de dados referentes ao inimigo, que possibilitassem o conhecimento de outros meios que não expusesse as tropas ao combate direto, ou seja, que impusesse ao inimigo a única opção de não lutar.

## 2.8 Espionagem

O capítulo treze é um dos mais famosos da obra de Sun Tzu e traz uma grande alusão ao aspecto da inteligência. A este capítulo deferiu uma grande importância às informações que fossem obtidas por espionagem, como por exemplo, segredos militares, ambição do governante e personalidade dos generais. Para este tipo de informação, Sun Tzu denominou “Conhecimento acurado”, pois “o meio pelo qual governante sábio e generais sagazes se moveram e conquistaram outros, pelo qual suas realizações ultrapassaram as massas, foi o conhecimento acurado” (SAWYER, 2002, p.134).

Para Sun Tzu, esse conhecimento acurado, não podia ser obtido “de fantasmas e espíritos, inferidos dos fenômenos ou projetados a partir das medidas do Céu, mas deve ser obtido dos homens, porque é conhecimento da verdadeira situação do inimigo” (SAWYER, 2002, p.134).

Quanto ao emprego de espiões, justificou-se declarando que o propósito maior da guerra deve ser a rápida derrota do inimigo, de forma a preservar o povo de suas mazelas. Para ele, o meio mais convincente para realizar a busca de informações do inimigo era o homem, e que este deveria ser íntimo do comandante. Consta nos seus ensinamentos que: “de todos os que estão no exército e que são chegados ao comandante, nenhum é mais íntimo do que o agente secreto; de todas as recompensas, nenhuma é mais liberal do que as que são dadas a agentes secretos (McNEILLY, 2004, p.110).

Verifica-se, que em relação a estes fatos, a espionagem é uma atividade de inteligência específica com o objetivo de retirar do inimigo as informações de maior valor para a condução das operações de guerra, e que por esse motivo, os homens que se prestassem a essa missão deveriam gozar de privilégios e da intimidade do chefe militar.

### **3 A APLICAÇÃO DOS PRECEITOS DE SUN TZU DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ATÉ OS DIAS ATUAIS**

Da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais houve situações em guerras que foram exemplos de aplicação da inteligência segundo Sun Tzu. Dentre as quais, destaca-se:

#### **3.1 Segunda Guerra Mundial**

-Atacar pontos fracos: na campanha alemã contra a Rússia, quando o exército soviético lançou ataques contra Stalingrado, não o fizeram diretamente às tropas alemãs, que detinham grande experiência de combate naquela localidade, mas atacaram nos flancos do Sexto exército, as péssimas tropas, aliados da Alemanha (romenos, húngaros e italianos), que eram mal equipadas e lideradas (McNEILLY, 2004, p.68).

Verifica-se, diante deste fato, que a inteligência tem um papel fundamental de coletar as informações sobre as partes mais fracas e críticas do inimigo. Estas poderão apontar os pontos de maior vulnerabilidade do inimigo, e aquele que lhe proporcionará o maior impacto<sup>6</sup>; e

-Espionagem: os EUA ao realizar contra o Japão a campanha submarina mais bem sucedida da IIGM, no teatro do Pacífico, isolaram a ilha do Japão dos recursos de suas possessões recém-capturadas, impossibilitado dessa forma, a aquisição de recursos para a produção de aviões e navios necessários ao contínuo da Guerra. Isso tudo foi possível graças à quebra do código japonês que possibilitou o conhecimento das posições dos navios de guerra e mercantes japoneses. Os submarinos norte-americanos, mediante essas informações, conseguiram afundar navios petroleiros e embarcações mercantes, porta-aviões e um encouraçado (McNEILLY, 2004, p.68).

As atividades realizadas pelos britânicos, durante a IIGM, demonstraram que a sua maioria foi decorrente de interceptações e decifrações de transmissões inimigas em código. O mesmo ocorreu com os norte-americanos (KEEGAN, 2006, p.310).

O ideal máximo da inteligência militar na Segunda Guerra Mundial foi atingido ao se constatar que um dos lados gozou da satisfação de conhecer as intenções, capacidades e planos do outro, enquanto o adversário não contou com tal conhecimento e nem que seus planos estavam sendo revelados. Isto foi conseguido pelos sistemas de decifração de códigos

---

<sup>6</sup> Os alemães, durante a guerra, chamavam o ponto onde concentravam o máximo de recursos para provocar o máximo de impacto ao inimigo, como “Schwerpunkt”, que quer dizer “Centro de Gravidade”.

“Magic” (EUA) e “Ultra” (ING), na quebra das cifras japonesas e alemãs (Enigma), respectivamente (KEEGAN, 2006, p.381).

Em relação a esses fatos, verifica-se que a espionagem por sinais, efetuada nas comunicações do inimigo, consiste de uma atividade de inteligência de grande resultado pra a condução de operações de guerra.

### 3.2 Guerras da Coréia (1950) e do Vietnã (1970)

-Estimativa: em novembro de 1950, o general Douglas MacArthur, comandante da coalizão formada pelos exércitos norte-americanos, sul-coreanos e outras das Nações Unidas, ao lançar diversos ataques contra os norte-coreanos, nas proximidades do rio Yalu, na Coréia do Norte, forçou a retirada destes ao realizar um desembarque anfíbio em Inchon, pela retaguarda dos exércitos norte-coreanos. Esta manobra foi de tal ordem que as quedas de Seul e Piongiang, capitais da Coréia do Sul e da Coréia do Norte, respectivamente, foram bastante rápidas incutindo certa euforia nas tropas norte-americanas. MacArthur apesar de ter recebido vários informes sobre a presença de tropas chinesas nas proximidades de Yalu, não acreditou que a China pudesse naquele momento intervir nos caminhos que a guerra já tinha trilhado, e os ignorou. Ao interrogar soldados chineses capturados no front, em outubro, obteve a confirmação da presença de seis exércitos chineses naquele local, e em seis de novembro, a notícia do ataque aos australianos. Estas informações fizeram MacArthur retomar a marcha em direção à Yalu. Logo após o Dia de ação de Graças, os chineses, surpreendentemente, atacaram as tropas norte-americanas em todos os flancos, fazendo-os, evacuar por terra e por mar, e em seguida, recuar para aquém de Seul (McNEILLY, 2004, p.101).

O processo de estimativa, a que se referiu Sun Tzu, foi utilizado pelos chineses, e não pelos norte-americanos, pois “para vencer a guerra toda, é preciso, primeiro, vencer a guerra da Inteligência. Isto envolve pesquisa e análise. Tem de ser feita de forma completa e eficaz” (SAWYER, 2002, p.98).

Portanto, mediante os fatos acerca da falta de conhecimento afeto ao posicionamento e aos planos das tropas chinesas, bem como o erro de interpretações das informações coletadas, verifica-se que se o procedimento de estimativa, com base no conhecimento do inimigo e de si próprio, não for cumprido, a vantagem de combate poderá ser repassada ao inimigo.

Na Guerra do Vietnã, em 1970, os norte-americanos atacaram o campo de prisioneiros de Sontay com a intenção de libertar prisioneiros americanos. Apesar de todos os

guardas terem sido eliminados e não ter havido baixas, ninguém foi resgatado, pois os prisioneiros tinham sido transferidos do campo uma semana antes (SAWYER, 2002, p.99).

Em relação a este fato, verifica-se que as informações sobre o objetivo militar devem ser ponderadas e analisadas nos seus mínimos detalhes, a fim de que a tomada de decisão seja assessorada por uma inteligência precisa.

### 3.3 Guerra das Malvinas (1982)

-Estimativa: Os britânicos, após a invasão das Malvinas, recorreram imediatamente aos seus arquivos no Serviço de Inteligência de Defesa em Londres, onde deveriam conter informações diversas e detalhadas sobre as forças armadas argentinas, e somente acharam gavetas vazias (KEEGAN, 2006, p.362-369).

Verifica-se, portanto, que a necessidade de se realizar um planejamento preliminarmente ao combate, reforça a importância de se ter uma inteligência em tempo de paz, ativa e produtiva, para quando chegar os dias de guerra, os bancos de dados estratégicos e operacionais estejam ricos e favoráveis para subsidiarem a condução das operações de guerra.

### 3.4 Guerra do Golfo (1990)

A primeira Guerra do Golfo ocorreu entre o Kuwait e o Iraque, entre 1990 e 1991, e foi considerado como um dos maiores conflitos depois da Segunda Guerra Mundial. Foi marcado principalmente pelo uso de tecnologia de ponta. Nela ocorreram vários eventos no campo operacional em que se foram empregados o que de mais moderno se existia em inteligência no mundo (McNEILLY, 2004, p.117). Dentre estes, ressalta-se:

-o conhecimento das condições climáticas: as tempestades de areia e o nevoeiro, que estiveram presentes nos combates do Golfo, influenciaram de maneira contundente a progressão de alguns ataques na Operação Tempestade no deserto ( KRAUS, 1998, p.210);

-o conhecimento do terreno: o general H. Norman Schwarzkopf, comandante das tropas da Coalizão, ao estudar profundamente o terreno do deserto, resolveu familiarizar os seus soldados, por meio de ensaios e de adestramentos de sobrevivência. A dificuldade inerente a este tipo de terreno, talvez tenha sido visualizada por ele e pelos iraquianos, como a maior fraqueza de suas tropas; e

-Interação entre informações do terreno, clima e o efetivo combate: foi criado pela equipe de inteligência norte-americana que se encontrava em Riad, Arábia Saudita, um

sistema de avaliação de danos que os aviões causavam aos iraquianos, capaz de fornecer a dinâmica do campo de batalha. Este sistema compreendia a combinação de três fontes de informações: entrevistas com os pilotos, filmagens obtidas das câmeras acopladas nas metralhadoras, e as fotos satélites e aéreas. Para disseminar essas informações, que eram alteradas rapidamente no front, o general Schwartzkopf criou um plano de código de cores que revelava a situação das forças inimiga ao comandante que liderava o ataque no campo de combate. Este sistema de informações foi comprovadamente verificado como eficiente e preciso durante aquela guerra (McNEILLY, 2004, p.123-124).

Esses fatos explicitam, portanto, que a atividade de inteligência, responsável pelo levantamento desses dados, possibilitou a decisão de se familiarizar as tropas com as condições do terreno e do clima, para que houvesse uma melhor preparação das tropas à atrição, trazida pelos fatores naturais, no momento do combate, bem como a interação entre as informações do terreno, clima, e as pertinentes às operações no front, em tempo real, ao líder das tropas para bem conduzir as suas ações operações de guerra.

-Ardil e manipulação: as Forças de Coalizão, após sucessivos ataques aéreos aos sistemas de comando e controle iraquiano, deixou as suas forças sem nenhuma condição de observar os movimentos da coligação. Após este fato foi verificado que os melhores aviões iraquianos fugiram para o Irã. Esses eventos fizeram com que uma parte das tropas americanas fosse deslocada de uma posição na fronteira da Arábia Saudita com o Kuwait para o Oeste, próximo dessa fronteira com o Iraque. Saddam, esperando que o ataque se desse diretamente nesse local, foi levado a crer que, nas proximidades da cidade do Kuwait, uma grande operação anfíbia seria realizada, o qual, pensando desta forma, deslocou imediatamente o efetivo de suas tropas para o sul daquela cidade (VIDIGAL, 1992, p.59).

Em relação a esse episódio, verifica-se que o movimento aparente das tropas norte-americanas foi realizado com a intenção de fazer com que Saddam assimilasse aquela configuração enganosa e modificasse os seus planos direcionando suas tropas para outro local onde não se daria o seu ataque. As informações de inteligência, portanto, permitiram que os americanos aplicassem uma manobra de manipulação no inimigo e direcionasse seu ataque ao ponto aonde o inimigo não esperava (SAWYER, 2002, p.31); e

-Comando e Controle: o general Schwartzkopf e suas forças derrotaram os iraquianos em apenas quatro dias, ou mais precisamente, 100 horas, sem sofrer quase nenhuma baixa (VIDIGAL, 1992, p.53). Saddam Hussein subestimou as Forças Coligadas quanto à sua capacidade de combate, imaginando que seria possível envidar uma guerra de atrição entre as nações árabes islâmicas e os Estados Unidos. As Forças Coligadas derrotaram

esta estratégia ao adotar uma postura defensiva estática, desconsiderando a possibilidade de um ataque diretamente contra o flanco exposto de suas forças através do deserto iraquiano. Desta forma, as Forças de Coalizão ao preservarem suas tropas, impediu que o plano de Saddam, de provocar o efeito da mídia de uma grande quantidade de baixas no público norte-americano, tivesse sucesso (VIDIGAL, 1992, p.26).

Nos primeiros noventa dias dessa guerra, a Coalizão instalou mais capacidade de comunicações do que na Europa nos 40 anos anteriores (McNEILLY, 2004, p.168). Em meados de 1991 os norte-americanos já possuíam o posicionamento e o quantitativo das tropas de Saddam Hussein, bem como a disposição de obstáculos nas linhas de defesa inimigas. A espionagem eletrônica, derivadas das atividades de inteligência de sinais e imagens, por meio de redes de comunicações digitais e de alta velocidade permitiu que a transmissão das informações chegasse rapidamente ao front, beneficiando o direcionamento operacional das tropas.

Com base nesses fatos, verifica-se que a execução do planejamento vitorioso dos coligados somente foi possível devido à realização de competente atividade de inteligência, no que tange à capacidade de obtenção e processamento de informações, mediante a integração da capacidade da inteligência de imagens e de sinais, que articulou a possibilidade real de não expor as tropas à luta e vencer a guerra. Verifica-se também, que a tecnologia utilizada no processo de inteligência foi essencial ao comando e controle norte-americano, no que tange ao controle de suas tropas, ao aspecto psicológico do comando e das tropas, e principalmente ,ao aspecto de infraestrutura de comunicações e inteligência.

### 3.5 Guerra de informação (INFOWAR)

-Vencer sem lutar: o vazamento de segredos militares e tecnológicos para a China na década de 1990 foi uma das áreas em que os EUA sofreram perdas estratégicas-chaves (McNEILLY, 2004, p.260). Este tipo de vazamento tem continuado até os dias atuais, por meio da INFOWAR. Um dos maiores desafios que existem na atualidade, em relação à inteligência, são os avanços dessa ameaça.

Segundo a Escola de Guerra de Informação (School of information Warfare) da Universidade de Defesa Nacional (National Defense University), a guerra de informação é definida como sendo “a guerra que é baseada em informação sob todas as suas formas e em todos os níveis, para conquistar uma decisiva vantagem militar” (McNEILLY, 2004, p.131). Esta utiliza o computador como uma arma ofensiva para fazer ataques cibernéticos e impactar

a estrutura do seu adversário enfraquecendo-o. Os que possuem esta habilidade são denominados como Hackers, Crakers ou Informations Warriors (Guerreiros da Informação).

Lista-se como habilidades desses guerreiros: a capacidade de acessar dados pessoais e modificá-los sem autorização; furtar, modificar ou destruir informações ou a capacidade de seu processamento através de interceptação Eletronic Mail (e-mail), realizar espionagem e sabotagem eletrônica, bem como ataques à infra- estrutura nacional de um país paralisando seus serviços essenciais, como por exemplo, abastecimento de água e energia elétrica.

Faz parte de sua estrutura utilizar sensores e coletores portáteis que transmitem o ambiente em que os combates são travados, aviões como o “stealth” e tanques que absorvem ondas de radar e sonar para evitar a sua detecção, como também o lançamento de ataques à estrutura de informações do inimigo, eliminando as comunicações e inferindo dados falsos. Essa guerra é alimentada entre as forças, com intenções de conhecer os planos, um do outro (McNEILLY, 2004, p.131).

Verifica-se, com relação a este tipo de guerra ultramoderno, que a inteligência assumiu uma concepção diferente no apoio à guerra moderna de informações, a de infringir danos impactantes ao adversário sem a necessidade de envidar embates convencionais entre soldados, e que é extremamente eficaz nos seus resultados para se ganhar uma guerra contra um adversário muito mais forte.

## 4 CONCLUSÃO

Ao se observar os aspectos de inteligência contidos nos ensinamentos de Sun Tzu contidos em sua obra “A arte da guerra”, verifica-se que a atividade de inteligência foi a mola mestra de seus princípios estratégicos, e tinha o propósito de ser uma ferramenta para se ganhar guerras, cujo resultado focava o menor sacrifício para o seu exército, no ardor da batalha.

Fazendo-se um confronto entre os princípios de inteligência propostos por Sun Tzu, expostos no segundo capítulo, com os exemplos do emprego da atividade de inteligência ocorridos na Segunda Guerra Mundial (1939), Guerras da Coreia (1950) e do Vietnã(1970), Guerra das Malvinas(1982), Guerra do Golfo(1991) e a atual Guerra de Informação (INFOWAR), abordados no capítulo três deste trabalho, pode-se verificar que nessas guerras, a atividade de inteligência empregou os mesmos conceito e entendimentos do que foram apresentados por Sun Tzu a 2500 anos atrás, a saber:

- Percebe-se que o emprego da atividade de inteligência em tempo de paz ou durante a própria guerra, contribui para a manutenção de um banco de dados, de cunho estratégico e operacional, que fornecerão o conhecimento necessário para a preparação das tropas, dos meios e do planejamento militar, como o ocorrido nos exemplos de emprego de atividade de inteligência ocorridos nas Guerras da Coreia, Vietnã, das Malvinas e do Golfo, contidos no capítulo três;

- Quanto ao tempo relativo de processamento e disseminação das informações, necessárias às operações na frente de batalha, devem ser o mais próximo, quanto possível, ao tempo real, permitindo manobras rápidas e contundentes contra o inimigo, bem como prover uma maior interação entre o setor de inteligência e de Comando e Controle e as tropas em efetivo combate. O caso do sistema de interação entre informações do terreno, clima e o efetivo combate, criado pela equipe de inteligência norte-americana, na Guerra do Golfo, consubstancia esta conclusão;

- No que se refere às manobras de dissimulação e manipulação do inimigo, decorrentes ao ardil proposto por Sun Tzu, verifica-se que a atividade de inteligência tem um papel fundamental no planejamento e na execução das mesmas. O exemplo de emprego de atividade de inteligência ocorrido após os sucessivos ataques aéreos realizado pelas Forças da Coalizão, na Guerra do Golfo, aos sistemas de comando e controle iraquiano, quando uma parte das tropas americanas foi deslocada de uma posição para outra com o intuito de divergir

os iraquianos quanto ao ponto de ataque dos norte americanos, foi um exemplo dessa observação;

- O conhecimento do inimigo e das próprias forças é imprescindível ao planejamento das operações a serem realizadas, bem como ao processo decisório do governante ou do comandante, no que se refere à decisão de se ir a uma guerra. Fato reconhecido no processo de planejamento militar teve no evento da Guerra da Coréia, mais uma forma de constatação;

- A obtenção das informações atinentes às fraquezas do inimigo, quando , realizada nos mínimos detalhes, poderá revelar o ponto de maior prejuízo ao inimigo e onde se poderá desferir um ataque com a vantagem da surpresa. Ao encontrá-lo, identifica-se também o centro de gravidade do oponente, como ocorreu na campanha alemã contra a Rússia, quando o exército soviético lançou ataques contra Stalingrado, durante a Segunda Guerra Mundial;

- Quando se erra no conteúdo e na precisão das informações, obtidas na atividade de inteligência, pode-se conceder a oportunidade, ao inimigo, de assumir a vantagem do combate. A inteligência mal feita concede terreno ao inimigo. O evento ocorrido na Guerra da Coréia, durante a campanha de expulsão dos norte-americanos pelos chineses, atesta essa conclusão;

- Os dados referentes ao terreno e às condições climáticas, atinentes à área de operações, devem ser objeto de estudo da inteligência, visto que possibilitará a preparação e a familiarização das tropas às dificuldades que se encontrarão na hora do combate real, bem como produzirá subsídios ao processo de decisão do comando. Basta recordar os efeitos impostos pelas tempestades de areia nas tropas norte-americanos, durante a Guerra do Golfo;

- No desenvolvimento da manobra de dissimulação e manipulação do inimigo, utilizando o ardil, pode-se verificar o emprego de medidas de desinformação e confusão, no sentido de promover a ocultação dos planos e movimentos reais das tropas no front, como feito pelas tropas norte-americanas, na Guerra do Golfo, ao divergir os iraquianos quanto ao ponto verdadeiro do seu ataque;

- A obtenção de informações sobre o inimigo é a atividade de inteligência de maior importância numa guerra, pois tomar conhecimento acerca dos planos do inimigo trará vantagens por ocasião da batalha, pois contribuirá para a tomada de decisão do comandante. O desempenho do setor de Comando e Controle norte-americano, durante a Guerra do Golfo, comprova tal observação; e

-Em relação à Guerra de informação, nos dias de hoje, verifica-se que o princípio de “vencer sem lutar”, de Sun Tzu, tem sido aplicado na guerra moderna, ao se procurar utilizar de outros meios, que não os militares, como, por exemplo, ataques de informática, evitando-se assim a necessidade do contato tradicional entre os adversários, característico da guerra convencional.

Visto que todos os aspectos de inteligência segundo Sun Tzu, acima mencionados, foram também identificados nas últimas guerras do século XX e início do XXI, é possível afirmar que a aplicação dos conceitos formulados para a atividade de inteligência, por Sun Tzu, ainda é válida para os dias atuais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Escola de Guerra Naval. **EGN-Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro, 2007.

CLAVELL, James. **A Arte da Guerra**. Tradução José Sanz. 1. ed. 22. t. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FILHO, Raymundo Nonato Cerqueira. **Defesa Nacional e Inteligência Militar**. Brasília, p.172, novembro. 2002. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/web/comissoes/ccai/07-Quarta%20Parte.pdf>> Acesso em: 31ago, 2009.

KEEGAN, John. **Inteligência na guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KRAUS, Theresa L.; Schubert, Frank N. **Tempestade no Deserto**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

OLIVEIRA, Lúcio Sérgio Porto. **A História da atividade de Inteligência no Brasil**. Brasília: ABIN, 1999.

McNEILLY, Mark. **Sun Tzu e a arte da guerra moderna**. Tradução Luiz Carlos do Nascimento e Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SAWYER, Ralph D. **A Arte da Guerra/Sun-Tzu, Sun-Pin**. Tradução Ana Aguiar Cotrin. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIDIGAL, Armando A. Ferreira. A Guerra do Golfo – Uma Análise Político-Estratégica e Militar. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 112, n. 1/3, p. 15-62, Jan./Mar. 1992. Trimestral.